



VOZ DA FÁTIMA

A QUARESMA conduz-nos à celebração dos mistérios da Paixão e Morte de Jesus, nosso Salvador. Morte que é vida, pois é na morte de Jesus que recuperámos a vida de Deus em nós. Paixão que leva à glorificação, pois o sofrimento de Cristo mereceu-Lhe a glória da Ressurreição e da Ascensão. O discípulo não é mais do que o Mestre: acompanhem, portanto, Jesus em todos os passos da Sua vida, para termos parte com Ele na Casa do Pai eternamente. Para isso, libertemo-nos do pecado por uma boa confissão.

Director e Editor interino: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO L N.º 594
13 DE MARÇO DE 1972
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avenida

São José na Fátima MORREU O CARDEAL TISSERANT

NA aparição do dia 13 de Setembro disse Nossa Senhora aos pastorinhos:

— «Continuem a rezar o terço para alcançar o fim da guerra. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, São José com o Menino Jesus para abençoarem o mundo».

O que a Virgem Santíssima afirmou acerca do seu castíssimo Esposo, cumpriu-se inteiramente, conforme atestaram os três videntes.

A Lúcia, no seu IV Manuscrito, escreve:

«Desaparecida Nossa Senhora na imensidade do firmamento, vimos ao lado do sol São José com o Menino Jesus e Nossa Senhora vestida de branco e com um manto azul. São José com o Menino Jesus pareciam abençoar o mundo, pois faziam com as mãos uns gestos em forma de cruz».

E no Interrogatório Oficial de 1924 depôs a mesma vidente:

«Dum lado do sol vimos um vulto de homem, da cinta para cima, com o Menino Jesus nos braços e do outro lado a Senhora que tinha estado na azinheira. O Menino Jesus abençoava o povo. Veio-me à ideia de que o homem seria São José».

Seis dias depois desta aparição, o Rev. Doutor Manuel Nunes Formigão pergunta à Jacinta:

— Viste São José?

— Vi. A Lúcia disse que São José estava dando a paz.

E com o Francisco trava o seguinte interrogatório:

— Não viste São José e o Menino Jesus?

— Vi.

— Estavam longe ou perto do Sol?

— Perto do Sol.

— De que lado estava São José?

— Estava do lado esquerdo...

— Onde estava o Menino Jesus?

— Estava ao pé de São José...

— O Menino Jesus era grande ou pequeno?

— Era pequenino.

Pelo que conhecemos da história do culto do glorioso Pai adoptivo de Jesus, parece-nos ser esta uma das suas aparições mais notáveis, senão a mais notável. É certo que São José não falou com os pastorinhos, nem lhes comunicou revelação alguma. Mas o simples facto da sua presença na Cova da Iria é já uma grande mensagem.

Não nos querera Deus com ela

significar o desejo de que nestes tempos de angústia, para bem do mundo e salvação das almas, se dê novo impulso à devoção a São José? Parece-nos que sim. É aliás o que se deduz das declarações dos videntes e do sentido das revelações da Fátima.

A Lúcia diz-nos que viram «São José com o Menino Jesus a abençoar o mundo». Que papel tão importante manifestam estas palavras!

A Fátima o que é? Uma das maiores manifestações do sobrenatural para a salvação da humanidade. Aqui não há pormenores sem relevância, mas tudo é grande, tudo de transcendência incalculável. Se São José entra em tão grandes revelações não parece demasiado supor que Deus lhe queira atribuir função de extraordinária importância na salvação do mundo.

Sejam os desígnios de Deus também os nossos. Dêmos ao glorioso chefe da Sagrada Família o lugar que as revelações da Fátima nos indicam: — logo a seguir aos Corações de Jesus e de Maria.

Que São José, a alma mais ternamente amante de Maria e Jesus, aos quais durante tantos anos esteve indissolúvelmente unido, ande também unido na nossa devoção aos Corações Santíssimos de Jesus e de Maria.

P.º Fernando Leite

Ao cabo de longa enfermidade, faleceu na clínica «Regina Apostolorum», em Albano, próximo de Castelgandolfo, onde estava internado desde Setembro do último ano, o Cardeal Eugénio Tisserant, que era o decano do Sacro Colégio e contava 88 anos.

De manhã, o eminente purpurado recebera a Extrema-Unção e, a meio da tarde, foi visitado pelo Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal João Villot, que lhe levou a Bênção Apostólica do Santo Padre. Sua Santidade, quando teve conhecimento da sua morte, recolheu-se imediatamente à sua capela privativa, em oração.

O Cardeal Tisserant, que era francês, foi toda a vida um grande estudioso e especialista na decifração de velhos pergaminhos. Secretário da Congregação da Igreja Oriental desde 1936, era também presidente da Comissão Bíblica desde 1938, fazendo, igualmente, parte das Congregações Consistoriais dos Sacramentos, da Propaganda, dos Ritos, dos Seminários, do Supremo Tribunal Apostólico e da comissão de redacção do Código do Direito Canónico.

Em 13 de Outubro de 1956 esteve na Cova da Iria a inaugurar a sede internacional do Exército Azul. Nessa altura era bispo titular de Óstia e Rufina, Decano do Sacro Colégio e Patriarca da Igreja Oriental.

Presidiu também à peregrinação mensal.

No dia 19 desse mês, recebeu, na Universidade de Coimbra, as insígnias de «Doutor Honoris Causa» pela Faculdade de Letras, sendo seu patrono o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, então Patriarca de Lisboa.

Voltou à Fátima em 28 de Agosto de 1963 para inaugurar a capela de rito bizantino do Exército Azul.

Em 1967, acompanhou o Papa Paulo VI na sua peregrinação à Fátima, por motivo das Bodas de Ouro das Aparições de Nossa Senhora.

Com a sua morte, perde a Igreja um notável elemento e Portugal um grande amigo.

O Santo Padre interrompeu os seus exercícios da Quaresma para tomar parte nos funerais do Cardeal Tisserant.

Que o Senhor tenha a sua alma em paz. Aos leitores da «Voz da Fátima» pedimos uma oração por ele.

Peregrinação mensal de Fevereiro

Apesar do tempo de chuva, efectuaram-se as cerimónias em honra de Nossa Senhora, a que presidiu o Sr. Bispo de Leiria, acompanhado do seu Bispo auxiliar, D. Domingos de Pinho Brandão, de numerosos sacerdotes e de muitos fiéis que encheram a Basílica.

Como habitualmente, às 10 h, os fiéis congregaram-se em volta da capela das aparições onde foi rezado o terço e donde partiu a procissão com a imagem de Nossa Senhora para a Basílica.

Celebrou a missa oficial e proferiu a homilia o P.º J. Pina Ribeiro, da Congregação dos Missionários do Imaculado Coração de Maria. Duas filas de doentes ocuparam os primeiros bancos. Os servitas auxiliaram os doentes e dirigiram a procissão e a distribuição da sagrada Comunhão.

No fim da missa, o Sr. Bispo de Leiria recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria, e o Sr. Bispo Auxiliar deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes e a todos os peregrinos.

Por último organizou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora da Basílica para a capela das aparições.



O CARDEAL TISSERANT na Fátima, durante a missa dos doentes, em 13-10-1956

VIDA DO SANTUÁRIO Um Apóstolo, um Sacerdote,

FEVEREIRO

64 RELIGIOSAS NUM CURSO DE ESPIRITUALIDADE

Dirigido por uma equipa do Movimento por um Mundo Melhor, realizou-se, no princípio do mês, um curso de espiritualidade em que tomaram parte 64 religiosas de diversas Congregações e Institutos de diversos pontos do País.

O curso foi dirigido pelo P.º António Fernandes, beneditino, e pela Irmã Margarida Maria Ruas, de Vinhó.

CURSO DE CATEQUESE

Organizado pela paróquia da Fátima, efectuou-se um curso de formação de catequistas com a participação de sacerdotes, religiosos e jovens de ambos os sexos, em número de 60.

REUNIÃO

DA COMISSÃO INTERNACIONAL DO EXÉRCITO AZUL

Com a presença dos membros da Comissão Internacional, efectuou-se, no Exército Azul, a reunião anual. Presidiu o Senhor Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, presidente da Comissão Internacional, e estiveram presentes os membros da Comissão vindos da América do Norte, Suíça, França e Bélgica. Esteve também presente o director nacional do Exército Azul.

CURSO NACIONAL DE ESPIRITUALIDADE

O Movimento por um Mundo Melhor organizou na Casa dos Retiros da Fátima um curso de espiritualidade pós-conciliar com a frequência de sacerdotes, religiosos e religiosas e numerosos leigos de diversos pontos do País.

A equipa orientadora do curso foi constituída pelos Padres José Rodrigues Paula, de Lisboa, Carlos Maldí, dos Combonianos, de Famacão, e D. Maria da Conceição Rodrigues, de Lisboa.

Frequentaram este curso de espiritualidade 69 pessoas.

50 CATEQUISTAS DO PATRIARCADO NUM RETIRO

Dirigido pelo P.º António Mendes Rocha, coadjuvado pelo P.º Policarpo Canas, Secretário Diocesano da Catequese de Lisboa, efectuou-se, de 12 a 16, um retiro com a participação de 50 catequistas de diversas terras do Patriarcado de Lisboa.

O PROFESSOR DOUTOR VITORINO NEMÉSIO FALOU AO CLERO DA DIOCESE DE LEIRIA

Sob a presidência do Sr. Bispo de Leiria e com a assistência do Sr. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo auxiliar, realizou-se a reunião do clero da diocese, em que tomaram parte quase todos os párocos, professores do Seminário e diversos religiosos.

O clero assistiu a uma conferência feita pelo Prof. Doutor Vitorino Nemésio, subordinada ao tema «Dificuldades do crente: meio eclesial; o zelo interior».

O Sr. D. Domingos apresentou o orador que foi escutado com o maior interesse por todos os sacerdotes.

O Prof. Dr. Nemésio, na véspera, falou aos jovens estudantes dos seminários e colégios da Fátima, por quem foi escutado com verdadeiro entusiasmo.

ANIVERSÁRIO DA MORTE DA JACINTA MARTO

Com a presença de muitos sacerdotes, religiosos e centenas de fiéis, comemorou-se na Basílica do Santuário o 52.º aniversário do falecimento da pastorinha Jacinta Marto, ocorrido em 20 de Fevereiro de 1920, no Hospital Dona Estefânia de Lisboa.

Dez sacerdotes tomaram parte na celebração presidida pelo Sr. D. Domingos

de Pinho Brandão, Bispo auxiliar de Leiria, o qual na altura do evangelho falou aos fiéis da ocorrência litúrgica do 1.º domingo da Quaresma, a sua relação com a vida da pastorinha Jacinta, de penitência e oração, como cumprimento da Mensagem de Nossa Senhora na Fátima.

Tomaram parte na concelebração o Postulador da Causa da Beatificação da Jacinta e do Francisco Marto, os membros do Tribunal Eclesiástico e representantes das Ordens e Congregações da Fátima.

Entre as pessoas que assistiram às comemorações contavam-se os 3 irmãos dos videntes, Manuel, José e João Marto.

No fim da missa, foram distribuídas pagelas com uma oração a pedir a beatificação da serva de Deus.

III CAMINHADA DA JUVENTUDE MISSIONÁRIA DA L. I. A. M.

O Centro de Vocações Missionárias da Congregação do Espírito Santo, de que é director o P.º José da Lapa, organizou pela terceira vez uma concentração na Fátima de jovens de vários níveis (universitários, colegiais, operários e agrários) numa caminhada heróica pela paz e amizade entre todos os jovens.

Predominavam os jovens da região do norte do País (Porto: Universidade, colégios e dos 5 liceus, Escolas do Magistério, de enfermagem e de vários hospitais, Gaia, Matosinhos, Feira, Paços de Brandão, Guimarães, Barcelos, Ponte do Lima, Braga, Viana, Monção, Penafiel, Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarém, Lisboa, Alentejo e Algarve, em número superior a dois mil jovens).

Depois duma saudação a Nossa Senhora feita por um universitário do Porto, junto da capela das Aparições, realizou-se uma marcha luminosa com representação simbólica dos 5 continentes.

Efectuou-se, às 22.30, uma vigília missionária presidida pelo P.º Bongo, natural de Angola.

No domingo, dia 20, todos os peregrinos jovens assistiram a uma concelebração presidida por Mons. Miguel Sampaio, do Porto, e em que tomaram parte 8 sacerdotes.

Houve depois uma marcha de silêncio até à primeira estação da via-sacra do Calvário Húngaro, seguindo o cortejo dos jovens pelo monte, debaixo de chuva, num autêntico espírito de penitência, até à capela do calvário. Junto de cada estação houve meditações feitas por sacerdotes, religiosos e leigos responsáveis.

E assim, num ambiente de piedade e reflexão bastante significativos nos tempos actuais, terminou este testemunho de fé cristã da juventude universitária, estudantil e operária. — S. I. S.

UMA CONFERÊNCIA DO REV. P. PEIRONE SOBRE O PROBLEMA SÓCIO-RELIGIOSO DA FÁTIMA

Por notícias chegadas da Itália, teve-se conhecimento do entusiasmo com que foi acolhida a conferência que o Rev.º Dr. Frederico José Peirone, professor do Instituto das Missões da Consolata, de Turim, e que passou largos anos em Portugal, onde frequentou a Faculdade de Letras, proferiu no Centro Cultural da «Fondazione Colonnetti», de Pollone, perto de Turim, e do santuário mariano de Oropa.

O Centro foi fundado há anos pela senhora Colonnetti, em memória de seu marido, e é frequentado por vasto escol de pessoas que frequentam a biblioteca constituída por cerca de 9.000 volumes.

A conferência efectuou-se no dia 5 de Fevereiro, com a presença do Dr. Badini Confalonieri, cônsul honorário de Portugal em Turim, e de numerosas pessoas interessadas em ouvir o afamado conferencista que ia falar sobre os «Aspectos sócio-religiosos do mistério da Fátima à luz da cultura lusitana», conferência esta integrada no programa do Centro para o corrente ano, dedicado ao mundo ibérico.

O Rev. Dr. Peirone começou por frisar o problema da «atlanticidade» de Portugal

uma Vítima

No domingo, dia 17 de Outubro, durante a cerimónia da beatificação do Padre Maximiliano Kolbe, Paulo VI fez a seguinte homília:

Maximiliano Kolbe foi beatificado. O que significam estas palavras? Significam que a Igreja reconhece nele uma figura excepcional, um homem em quem a graça de Deus e a alma humana se aliaram de tal modo, que produziram uma vida estupenda. Quem a observar, atentamente, descobrirá nela a simbiose de dois princípios operativos, o divino e o humano: o primeiro, misterioso; o segundo, experimental; o primeiro, transcendente, mas interior; o segundo, natural mas complexo e tão desenvolvido, ao ponto de atingir aquele singular perfil de grandeza moral e espiritual, a que chamamos santidade, ou seja perfeição alcançada no parâmetro religioso que se orienta, como é sabido, para as alturas infinitas do Absoluto.

Beato, portanto, quer dizer: digno de veneração, digno daquele culto local e relativo, permitido pela Igreja, que implica um sentimento de admiração por quem, devido a certos reflexos insólitos e magníficos do Espírito santificador, é objecto deste mesmo culto. Beato quer dizer: salvo e glorioso; cidadão do céu, com todas as características de um cidadão da terra, irmão e amigo que, ainda, e mais do que nunca, é nosso, porque foi identificado como operoso membro da comunhão dos Santos, Corpo místico de Cristo, a Igreja, que vive no tempo e na eternidade; advogado e, portanto, protector no reino da caridade, juntamente com Jesus Cristo, sempre vivo para interceder por nós (1); por fim, exemplo e modelo de homem, que podemos imitar na nossa vida, dado que se reconhece, ao Beato, o privilégio de poder dizer ao povo cristão, como o apóstolo São Paulo: «Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo (2). E assim, de hoje em diante, Maximiliano Kolbe pode ser considerado por nós como Beato. Mas quem era ele?

VIDA E OBRAS DO NOVO BEATO

Sabeis, perfeitamente, quem era. Está tão próximo da nossa geração, tão impregnado da experiência vivida do nosso tempo, que sabemos tudo dele. Processos de beatificação, tão documentados como este, talvez sejam poucos. Levado, unicamente, pela Nossa paixão moderna, pela verdade histórica, vamos ler, agora, como numa epígrafe, o perfil biográfico

e a sua diferenciação da restante Península Ibérica. Partindo da exposição das teorias da pré-história portuguesa («Homo afer Taganus» de Ribeiro) e da proto-história (os Lusitanos em Estrabão, Viriato, a romanização da Península, a «crise» da invasão muçulmana, determinante dos efeitos da independência do Condado Portucalense), tocou alguns pontos dignos de menção que, no seu entender, deviam ser vistos na sua perspectiva exacta. Focou as jornadas mais salientes da História e da Cultura portuguesa, desde os Cancioneiros — um dos quais estudado por italianos, Monaci-Colocci-Brancuti — até Alexandre Herkulano, aos autores modernos e contemporâneos. Tratou finalmente do milagre da Fátima; as aparições, as suas repercussões e os diversos aspectos do mistério da mensagem da Virgem dada na Fátima aos três pastorinhos, em 1917.

No fim da sessão, houve um pequeno debate, manifestando todos os assistentes o maior interesse pelo trabalho do conferencista que foi muito aplaudido.

As paredes da sala estavam decoradas com a Bandeira Nacional e aspectos da vida portuguesa.

do Padre Kolbe, traçado por um dos seus mais informados historiadores.

«O Padre Maximiliano Kolbe nasceu em Zdunska Wola, perto de Lodz, a 8 de Janeiro de 1894. Tendo entrado, em 1907, para o Seminário dos Frades Menores Conventuais, foi enviado para Roma, a fim de continuar os estudos eclesiásticos, na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Ateneu «Seraphicum» da sua Ordem. Ainda estudante, fundou uma instituição, denominada Milícia da Imaculada.

Ordenado sacerdote a 28 de Abril de 1918 e tendo voltado para a Polónia, começou o seu apostolado mariano, especialmente com a publicação mensal Rycerz Niepokalanej (O Cavaleiro da Imaculada), que atingiu, em 1938, a tiragem de um milhão de exemplares.

Em 1927, fundou a Niepokalanów (Cidade da Imaculada), centro de vida religiosa e de várias formas de apostolado. Em 1930, partiu para o Japão, onde fundou uma instituição semelhante.

Tendo voltado, definitivamente, para a Polónia, dedicou-se, de corpo e alma, à sua obra, com diversas publicações religiosas. Quando rebentou a segunda guerra mundial, dirigia um dos imponentes conjuntos editoriais da Polónia.

No dia 19 de Setembro de 1939 foi preso pela Gestapo, que o deportou para Lamsdorf, na Alemanha, e, depois, para o campo de concentração preventivo de Amtitz. Tendo sido posto em liberdade, no dia 8 de Dezembro de 1939, voltou para Niepokalanów, onde recomeçou a actividade interrompida. Preso, novamente, em 1941, foi encerrado no cárcere de Pawiak, em Varsóvia, e, depois, deportado para o campo de concentração de Oswiecim (Auschwitz).

Tendo oferecido a vida para substituir um desconhecido, condenado à morte, em represália pela fuga de um prisioneiro, foi encerrado num Bunker, para ali morrer de fome. A 14 de Agosto de 1941, véspera da festa da Assunção de Nossa Senhora, tendo sido envenenado com uma injeção, entregou a sua virtuosa alma a Deus, depois de ter assistido e confortado os seus companheiros de desventura. O seu corpo foi cremado» (3).

O CULTO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Mas, numa cerimónia como esta, os dados biográficos desaparecem, perante a luz das grandes linhas-mestras da figura sintética do novo Beato. Detenhamos, durante alguns momentos, o nosso olhar nestas linhas, que o caracterizam e o confiam à nossa recordação.

Maximiliano Kolbe foi um apóstolo da devoção a Nossa Senhora, considerada no seu primeiro, originário e privilegiado esplendor, o da sua definição de Lurdes: Eu sou a Imaculada Conceição. É impossível separar o nome, a actividade e a missão do Beato Kolbe, do nome de Maria Imaculada. Foi ele quem instituiu a Milícia da Imaculada, aqui em Roma, a 16 de Outubro de 1917, antes ainda de ser ordenado sacerdote. Hoje, podemos celebrar este aniversário. Sabe-se que este humilde e bondoso franciscano, com uma audácia incrível e um extraordinário talento de organização, se dedicou à obra de propagar a devoção à Mãe de Cristo, contemplada com o seu manto solar (4), fazendo desta devoção o centro da sua espiritualidade, do seu apostolado e da sua teologia.

Não hesitemos em admirar esta palavra de ordem, que o novo Beato nos deixa, em forma de herança e de exemplo, como se desconfiássemos de uma semelhante exaltação mariana, quando outras duas correntes teológicas e espirituais, que hoje dominam o pensamento e a vida religiosa, a cristológica, parecem competir com a mariológica. Não há entre elas qualquer competição. Cristo, no pensamento do Padre Kolbe, conserva, não só o primeiro lugar, mas também o único lugar necessário e suficiente, absolutamente falando, na economia da salvação.

● Continua na pág. seguinte

Um Apóstolo, um Sacerdote, uma Vítima

● Vem da página 2

A concepção doutrinal e a intenção apostólica do novo Beato não esquecem o amor devido à Igreja e à sua missão. Segundo ele, todas as prerrogativas e grandezas de Maria derivam dos seus aspectos complementares, subordinados em relação ao desígnio cosmológico, antropológico e soteriológico de Cristo.

São verdades que todos conhecemos. O Padre Kolbe, como aliás toda a doutrina, a liturgia e a espiritualidade católica, vê Maria Santíssima inserida no desígnio divino, como «termo fixo do plano eterno», como a cheia de graça, a sede da sabedoria, a predestinada para Mãe de Cristo, a rainha do reino messiânico (5), e, ao mesmo tempo, a escrava do Senhor, a escolhida para oferecer à Encarnação do Verbo a sua insubstituível cooperação, e a Mãe do Homem-Deus, nosso Salvador.

«Maria é Aquela por meio da qual os homens chegam a Jesus e Aquela por meio da qual Jesus chega aos homens» (6).

Por este motivo, não se pode criticar o nosso Beato, nem a Igreja, pelo entusiasmo com que veneram a Virgem Maria. O referido entusiasmo não supera o mérito nem o proveito do culto mariano, exactamente por causa do mistério de comunhão que une Maria a Cristo e encontra no Novo Testamento uma demonstração convincente. Não provocará uma espécie de «mariolatria», porque nunca poderá acontecer que a lua obscureça o sol. Se a Igreja souber venerar, em Maria, a filha excepcional e a Mãe espiritual, nunca será modificada a missão de salvação, propriamente confiada ao seu ministério. O aspecto característico, como se diz, que, por si, é o ponto original da devoção, da «hiperdulia» mariana do Beato Maximiliano Kolbe, consiste na importância que ele atribui a Maria, em relação às necessidades presentes da Igreja, à eficácia da sua profecia sobre a glória do Senhor e a reinvigoração dos humildes, ao poder da sua intercessão, ao esplendor do seu exemplo e à presença da sua materna caridade. O Concílio confirmou-nos nestas certezas e, agora, do Céu, o Padre Kolbe ensina-nos e ajuda-nos a meditar nelas e a vivê-las.

Este perfil mariano do novo Beato qualifica-o e classifica-o entre os grandes santos e videntes, que souberam compreender, venerar e cantar o mistério de Maria.

TRÁGICO E SUBLIME EPÍLOGO

Passemos, agora, a considerar o trágico e sublime epílogo da vida inocente e apostólica de Maximiliano Kolbe. A glorificação, que a Igreja celebra hoje, deste humilde, bondoso e dinâmico religioso, discípulo exemplar de São Francisco e cavaleiro apaixonado de Maria Imaculada, é devida, especialmente, a este facto. O quadro dos seus últimos dias no tempo é tão horrendo e macabro, que preferíamos não falar dele nem o contemplar, para não ver até aonde pode chegar a degradação desumana da prepotência, que faz, da crueldade impassível para com seres reduzidos à condição de escravos indefesos e destinados ao extermínio, um pedestal de grandeza e glória. E foram milhões estes seres sacrificados ao orgulho da força e à loucura do racismo. Mas, por outro lado, é preciso também reflectir sobre este quadro tenebroso, para poder descobrir nele, aqui e ali, algumas centelhas, ainda vivas, de humanidade. Infelizmente, a história não poderá esquecer esta página aterradora. E, então, não poderá deixar de fixar os olhos horrorizados nos pontos luminosos que denunciam e, ao mesmo tempo, superam a sua inconcebível obscuridade. Um destes pontos, e, talvez, o mais ardente e cintilante, é a figura exânime, mas serena, do Padre Maximiliano Kolbe. Ele foi um herói calmo, sempre piedoso e sustentado por uma confiança paradoxal, embora ponderada. O seu nome ficará entre os grandes, revelando que reservas de valores morais estavam latentes entre aquelas massas infelizes, paralisadas pelo terror e pelo desespero. Naquele imenso vestibulo de morte ecoou uma palavra de vida, divina e mperecedoura, aquela palavra de Jesus que revelou o segredo do sofrimento inocente: «Não existe maior prova de amor do que dar a própria vida pelos próprios amigos» (7). Ao proferir esta frase, Jesus falava de si próprio, na iminência da Sua imolação pela salvação dos homens. Os amigos de Jesus são todos os homens que ouvem a Sua voz. O Padre Maximiliano Kolbe realizou, no campo fatal de Oswiecim, a sentença do amor redentor, como sacerdote e como filho da Polónia.

mento inocente: «Não existe maior prova de amor do que dar a própria vida pelos próprios amigos» (7). Ao proferir esta frase, Jesus falava de si próprio, na iminência da Sua imolação pela salvação dos homens. Os amigos de Jesus são todos os homens que ouvem a Sua voz. O Padre Maximiliano Kolbe realizou, no campo fatal de Oswiecim, a sentença do amor redentor, como sacerdote e como filho da Polónia.

O SACERDOTE, OUTRO CRISTO

Quem não se lembra daquele episódio incomparável? «Sou um sacerdote católico» disse ele, oferecendo-se à morte — e que morte! —, para substituir um companheiro desconhecido de desventura, já designado como vítima de uma cega vingança. Foi um momento grandioso. A oferta, que nascia de um coração preparado para o dom de si, natural e espontânea, como consequência lógica do próprio sacerdócio, foi aceite. O sacerdote não é, porventura, um «outro Cristo»? Cristo sacerdote não foi a vítima redentora do género humano? Para nós, sacerdotes, é uma grande glória e um poderoso exemplo descobrir, neste novo Beato, um intérprete da nossa consagração e da nossa missão. Que admoestação, nesta hora incerta, em que a natureza humana, algumas vezes, parece desejar que os seus direitos prevaleçam sobre a vocação sobrenatural ao dom total a Cristo, em quem foi chamado para O seguir! E que valioso conforto, para as dilectísimas e nobilíssimas fileiras compactas de fiéis, de bons sacerdotes e religiosos, que assim concebem a sua missão, embora procurem legítima e louvavelmente salvá-la da mediocridade pessoal e da frustração social; sou um sacerdote católico e, por isso, ofereço a minha vida para salvar a dos outros! Parece ser esta a palavra de ordem que o Beato Maximiliano Kolbe deixa, particularmente, a nós, ministros da Igreja de Deus, e, análogamente, a todos aqueles que aceitam o seu Espírito.

FILHO DA POLÓNIA CATÓLICA

A este título sacerdotal junta-se outro. Era mais uma prova de que o sacrifício do Beato Kolbe tinha a sua motivação na amizade. Ele era filho da Polónia e, como tal, tinha sido condenado àquele infausto «lager» e, também como tal, trocou o seu destino com o do seu compatriota, Franciszek Gajowniczek, condenado à morte. Por outras palavras, sofreu, em lugar dele, a cruel pena de morte. Quantos pensamentos vêm à mente, ao recordarmos este aspecto humano, social e étnico da morte voluntária de Maximiliano Kolbe, filho da nobre e católica Polónia. O destino histórico de vicissitudes desta Nação, que parece demonstrar, neste caso típico e heróico, a vocação secular do seu povo, para encontrar, no sofrimento comum, a sua consciência unitária, a sua missão cavalheiresca de liberdade, realizada no orgulho do sacrifício espontâneo dos seus filhos e a sua prontidão em se oferecerem uns pelos outros, para a superação da própria vivacidade com uma invicta concórdia, assim como o seu carácter indelévelmente católico, que a confirma na condição de membro vivo e sofredor da Igreja universal, e também a sua firme convicção de que o segredo do seu renascente florescimento reside na prodigiosa, mas sofrida, protecção de Maria, são raios luminosos que se difundem do novo mártir da Polónia e fazem resplandecer o autêntico vulto fatídico deste País, levando-nos a invocar, do Beato, seu típico herói, a firmeza na fé, o ardor na caridade, a concórdia, a prosperidade e a paz de todo o seu povo. De tudo isto se alegrarão a Igreja e o mundo. Assim seja!

NOTAS

- 1) Cfr. Heb., 7, 25; Rom., 8, 34.
- 2) 1 Cor., 11, 1; Cfr. 1 Cor., 4, 16; Fil., 3, 17; 2 Tes., 3, 7.
- 3) Ernesto Piacentini, O. F. M. Conv.
- 4) Cfr. Apoc., 12, 1.
- 5) Cfr. Lc., 1, 33.
- 6) Bouyer, *Le trône de la Sagesse*, p. 69.
- 7) Jo., 15, 13.

EPISCOPADO PORTUGUÊS

A Santa Sé nomeou diversos Bispos para outras dioceses, entre os quais se conta o Senhor D. Américo Henriques, natural da diocese de Leiria e até agora Bispo de Lamego, onde é muito estimado pelo seu trato e acção pastoral já realizada, que vai para a diocese de Nova Lisboa, na Província de Angola.

Outras nomeações:

— D. Félix Nisa Ribeiro, da diocese de Tete, Moçambique, para a diocese de João Belo.

— D. Altino Ribeiro Santana, da diocese de Sá da Bandeira, Angola, para

a diocese da Beira, Moçambique.

— D. Eurico Dias Nogueira, da diocese de Vila Cabral, Moçambique, para a diocese de Sá da Bandeira, Angola.

— Mons. Augusto César Alves Ferreira da Silva, Superior da Congregação da Missão, foi nomeado Bispo da diocese de Tete, Moçambique.

A «Voz da Fátima» deseja a estes Excelentíssimos Prelados os maiores frutos e felicidades no seu novo campo de acção pastoral para a glória de Deus, honra da Santa Igreja e bem das almas.

PEREGRINAÇÃO DA «FONS VITAE» À FÁTIMA

Nos dias 27 e 28 de Maio próximo, realiza-se a peregrinação do Movimento Fons Vitæ à Fátima. A peregrinação dá-nos o sentido da nossa vida terrena: Vamos a caminho da pátria celeste, a caminho da Casa do Pai. Portanto, como peregrinos neste mundo, devemos desembaraçar-nos de tudo o que possa impedir o nosso caminhar para o Pai.

No ano em que celebramos o quinto aniversário do Movimento vamos à Fátima agradecer a Nossa Senhora esta sua Obra, as graças que sobre ela derramou, o bem que por seu intermédio tem difundido, vamos comprometer-nos a viver melhor a nossa vida cristã, a espiritualidade do Movimento. O programa da peregrinação será o seguinte:

DIA 27 (SÁBADO)

Às 13 horas — Concentração junto da Capela da Saúde e partida para a Fátima.

Às 17.45 — Concentração junto da Cruz Alta, seguindo-se a saudação a Nossa Senhora junto da Capelinha das Aparições.

Às 18 horas — Via-sacra nas colunatas da Basílica.

Às 19 horas — Missa na Basílica.

Das 21.30 às 22.30 — Adoração eucarística na capela da Senhora do Carmo (no Santuário, no edifício antigamente chamado Hospital Novo).

DIA 28 (DOMINGO)

Às 9 horas — Missa na colunata, renovação da consagração ao Coração Imaculado de Maria, seguindo-se a procissão do adeus.

Às 10 horas — Reunião no salão Senhora das Dores (no Santuário, no edifício antigamente chamado Hospital Velho).

Às 16 horas — Regresso a Lisboa.

Os fontistas podem convidar para esta peregrinação pessoas de família, amigos e conhecidos, desde que sejam católicos praticantes, de bom exemplo e se apresentem com modéstia cristã na maneira de vestir.

DROGA

— pior do que a bomba atómica

Pequim investiu um bilião de dólares (27.000.000.000 de escudos) em exportação subversiva de drogas estupefacientes na Europa. A China comunista espera poder deste modo liquidar a Europa dentro de 15 anos. Esta declaração foi feita com franqueza cínica, em Hong-Kong, ao redactor dum jornal francês por um dos chefes comunistas da terra de Mao-Tsé-Tung.

Entretanto, na China Vermelha, o uso de drogas é proibido sob pena de morte...

ENCONTRO

para Sacerdotes e Religiosas

No dia 24 de Abril, realiza-se na Fátima um encontro para sacerdotes e religiosas que desejem conhecer e se interessem pelo Movimento Fons Vitæ com vista a poderem ser animadores de núcleos ou grupos de fontistas (sobretudo de jovens) nas suas comunidades e ambientes: paróquias, colégios, escolas, seminários, locais de trabalho, de estudo, de convívio... Podem também participar leigos competentes, de boa formação, de vida cristã exemplar.

Pedimos às Superiores das casas religiosas que não deixem de enviar algumas religiosas a este encontro.

Aos sacerdotes interessados pedimos a bondade de participarem neste encontro. O local da reunião será na Casa das Religiosas de Nossa Senhora das Dores.

O horário, da parte da manhã, será das 10.30 às 12.30; de tarde, das 15 às 17. Não é necessária inscrição.

Aos Revs. Directores Diocesanos dos Cruzados da Fátima

— *Pede-se encarecidamente que, de acordo com o n.º 2 dos mapas de distribuição da Voz da Fátima, enviem esses mapas sem falta até ao dia 20 do mês anterior, com todas as modificações. O atraso prejudica muito o serviço de expedição ou impede até de ser atendido.*

— *Aos Senhores Chefes de Trezena lembra-se que para a entrega de dinheiro, ou alteração de nome ou endereço dos rolos, devem entender-se directamente com os Rev.ºs Srs. Directores Diocesanos.*

Temos obrigação de acreditar na Fátima?

pelo Rev. MARTÍN STEPANICH, O.F.M.

O depósito da fé que contém os mistérios e verdades, reveladas por Deus aos homens, há muito tempo, fica completo com a morte do último apóstolo que é João o Evangelista. Isto significa que a Igreja possui o pleno depósito da fé a partir do primeiro século de Cristo, uma vez que as revelações privadas nada podem acrescentar.

Mas daqui não se conclui que não haja obrigação de nenhuma espécie de aceitar tais revelações particulares, e talvez choque um pouco a palavra obrigação ou seu equivalente, mas não se pode dar voltas à questão e temos de esclarecer a verdade. Entre os teólogos que reconhecem o tema está G. Van Noort, que na sua Teologia Dogmática diz: «Uma tal revelação deve ser acreditada tanto por aquele que a recebe como por aqueles a quem é destinada: os outros cristãos não podem tão pouco negar-lhe o crédito sem cometer certa espécie de pecado...».

E o padre dominicano Guilherme Hinnebusch diz numa carta dirigida à Voz da Fátima: «Há outras coisas, além da autoridade doutrinal da Igreja, que obrigam a aceitar certas coisas. Uma criatura dotada de razão está obrigada pela sua própria inteligência a admitir uma evidência quando esta se apresenta. Resistir a uma evidência é uma obstinação anti-intelectual. Além disso, quando testemunhas competentes certificam um acontecimento que parece ser inconfundível, um homem razoável deve dar-lhe crédito. Dizer que se recusa o assentimento é uma posição delicada. Quando uma pessoa de uma autoridade tão singular como o último Papa Pio XII diz: «O tempo de duvidar de Fátima já passou; agora é o tempo de actuar», então homens justos devem perguntar-se se a evidência testemunhada por pessoas relevantes não basta para o convencimento. Um católico que deliberadamente se fecha nesta lógica não merece senão a nossa censura. Ao examinar a evidência que garante as aparições da Fátima com um coração aberto, chega-se à conclusão de que estas são autênticas. Os testemunhos são irrefutáveis; nada podiam ganhar com as suas declarações, senão, ao contrário, muitos sofrimentos; eram pessoas de carácter aberto e dignas de crédito, que nunca se encontraram em engano ou fraude. Um homem razoável aceita a evidência de testemunhos dignos de fé. A recusa violenta a sua própria razão.»

Considerando assim o conteúdo da mensagem da Fátima, encontramos nela uma razão imponente para aceitá-la. É difícil, para não dizer impossível, encontrar na história do cristianismo outra revelação privada cuja mensagem tenha sido mais clara e de maior importância do que a da Fátima. O Cardeal Larraona disse no seu sermão de 13 de Maio

de 1963, na Fátima: «O facto é que nunca houve uma manifestação sobrenatural da Virgem que tenha um conteúdo espiritual tão rico como o da Fátima, nem houve nem se conhece aparição da Virgem com uma mensagem tão clara, tão maternal e tão profunda como a da Fátima.»

Autoridade eclesiástica — Demais, tem a aprovação autoritária e o exemplo positivo da Igreja, especialmente na pessoa de Pio XII, o Papa da Fátima. Ele manifestou, publicamente, a sua adesão aos acontecimentos das revelações da Fátima numa carta apostólica (1954), decretando que a majestosa igreja da Fátima gozasse do título de basílica menor. A autoridade da Igreja dissipa todas as dúvidas que poderia haver, e é o argumento mais forte em seu favor.

Autoridade divina — Finalmente, e como argumento decisivo, temos a autoridade divina a favor da Fátima. Deus tem-nos falado através de Maria. Se negamos que «Deus tem falado na Fátima», deixamos de reconhecer a Deus como fonte da mensagem da Fátima. Por isso, em vez de perguntar se há obrigação de acreditar na Fátima, devíamos formular a pergunta assim: Há obrigação de admitir uma mensagem de Deus?, ou temos obrigação de ouvir a Deus? A única resposta admissível para um cristão é um decidido Sim!

A nossa fé avalizada por Maria — Há que aproximar-se do mistério da Fátima com o coração aberto, com boa vontade e com amor muito grande ao Senhor. Ao sentir-nos esmagados pela multidão de argumentos em favor da verdade da Fátima, prostramo-nos de joelhos para pedir ao Senhor e a Sua Mãe que nos concedam a humildade necessária para compreender toda a grandeza que tem a Fátima, que, como acontece sempre nas coisas de Deus, «o que é ocultado aos sábios e inteligentes é revelado aos pequenos.»

Pio XII admitiu chamar-se o Papa da Fátima. João XXIII permitiu a missa especial para a Fátima em honra da Virgem do Rosário. Paulo VI foi como humilde peregrino à Fátima. Tudo nos obriga a reconhecer que a Igreja está com a Fátima. Ou tem razão a Igreja ou não a tem. Se a tem, então é absurdo para alguém que pertence a esta Igreja negar a Fátima e rir-se, como há muitos, da mensagem. Ou não tem razão a Igreja, e então ela é uma embusteira. Com a Fátima está de pé ou cai todo o prestígio da Igreja, uma vez que está empenhada na sua autenticidade.

Atevemo-nos a dizer que a Fátima pode curar a crise de fé que atravessa a nossa sociedade. Temos sido e somos constantemente teste-

munhas do milagre da fé que é permanente no recinto da Fátima. O Senhor previa as dificuldades e a crise que sobreviria na Igreja neste século das luzes, do materialismo e do progresso. Por isso, no princípio deste século, e ao mesmo tempo que nascia a luta organizada contra a religião cristã na Rússia, e em que se punha contra a religião cristã a doutrina do marxismo ateu, o Senhor envia-nos a Sua própria Mãe como remédio e ajuda nesta situação difícil e revolta, para ensinar-nos o caminho para a salvação e demonstrar que a fé que herdámos é a verdadeira, hoje e sempre. Por isso na Fátima confirmam-se as verdades principais da fé, da Santíssima Trindade, da Eucaristia, do Céu, do Inferno, da Ressurreição dos mortos, da Vida Eterna. E para nossa consolação a intercessão e o amor duma Mãe que nos quer e se preocupa conosco.

E a tudo isto, que está comprovado e foi autenticado com um milagre portentoso presenciado por mais de 70.000 pessoas — o mila-

gre do sol de 13 de Outubro de 1917 —, a tudo isto podemos nós dizer que NÃO? Não pode ser. Ou somos cristãos e admitimos a mensagem da Fátima, ou rejeitamos a Fátima e deixamos de ser cristãos.

A Fátima é afirmação de fé cristã precisamente neste tempo de marxismo e materialismo, cuja difusão foi predita pela Virgem na Fátima para o caso de que se não cumprisse a sua mensagem... e realmente não se fez caso, ao menos, a maioria dos cristãos. Mas cada vez são mais os que vêm a salvação na Fátima e dizem: «Acreditamos na Igreja porque acreditamos na Fátima. Acreditamos em Jesus porque Maria corrobora a fé em nós.»

Não existe dúvida de que temos obrigação de acreditar na Fátima. O cristão que não admite a Fátima vai contra os desejos da Sua Mãe, e não é bom filho.

Além disso, em lugar de cooperar na salvação do mundo, contribui para a sua perdição. A mensagem da Fátima é mensagem da Igreja.

(Traduzido da revista «Sol da Fátima», órgão do Exército Azul da Espanha, número de Nov./Dez. de 1971)

Mistério de Fidelidade

O divórcio é tema de hoje. As estatísticas do passado dizem-nos que, por exemplo, na primeira metade do século em curso foram muitos os divórcios.

Apalpamos hoje, porém, uma nova mentalidade: considera-se pacificamente o divórcio como uma solução válida para casos em que o matrimónio deixa de ser uma comunidade de amor entre os esposos. Parece até que matrimónio indissolúvel, nos tempos actuais, é uma utopia.

Esta nova atitude, felizmente pouco difundida, que desvaloriza o matrimónio, é uma das provas de que a civilização moderna, apesar de ser fundamentalmente cristã, ainda não assimilou bem a exigência evangélica da indissolubilidade. Apesar de tantos séculos de cristianismo, o matrimónio ainda não é reconhecido por todos como mistério de fidelidade.

Em muitos países existem já leis que facilitam o divórcio. A autoridade civil tem o poder, nessas nações, para dissolver matrimónios tanto contraídos civilmente como contraídos segundo a religião.

Mas, acima de todas as polémicas à volta do divórcio e das leis que o facilitarão, está uma certeza sempre válida para todos os cristãos: o matrimónio é indissolúvel. Ele é o sacramento eficaz do amor fiel de Cristo para com a Igreja. Ele reproduz a fidelidade existente entre o Salvador e o povo dos redimidos.

A Igreja, fiel ao Evangelho, tem uma doutrina bem definida: o amor dos esposos é fiel; só a morte os poderá separar. Se não o fosse, deixaria de ser sinal ou sacramento do grande mistério de fidelidade a que nos referimos.

Os esposos cristãos, se se prepararam bem para o seu casamento, aprenderam que, com o exemplo das suas vidas, devem apresentar a todas as famílias como se «vive no Senhor» o casamento. Serão um sinal no mundo, manifestando como o matrimónio perfeito é aquele que vai copiando, dia após dia, a realidade do amor eternamente fiel de Cristo para com o Seu Povo.

Nem sempre lhes será fácil ser sinal no meio do mundo. Mas eles sabem que a indissolubilidade é tarefa a realizar, é conquista de cada dia, é vitória a ganhar. Vai-se crescendo em fidelidade ao largo dos anos, vai-se fazendo história em cada momento que passa. Uma história onde nem todas as páginas possuem a mesma beleza.

Mesmo que venha um dia qualquer legislação a facilitar o divórcio, mesmo neste caso, o cristão não se deve assustar. Ele sabe que todo aquele que deu ao seu matrimónio um profundo significado religioso, tornando-o sacramento, esse terá que manter-se fiel. O matrimónio cristão é um mistério de fidelidade.

PEDROSA FERREIRA